

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 14 de Junho -- 1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

108

sempre
five semanário
humorístico

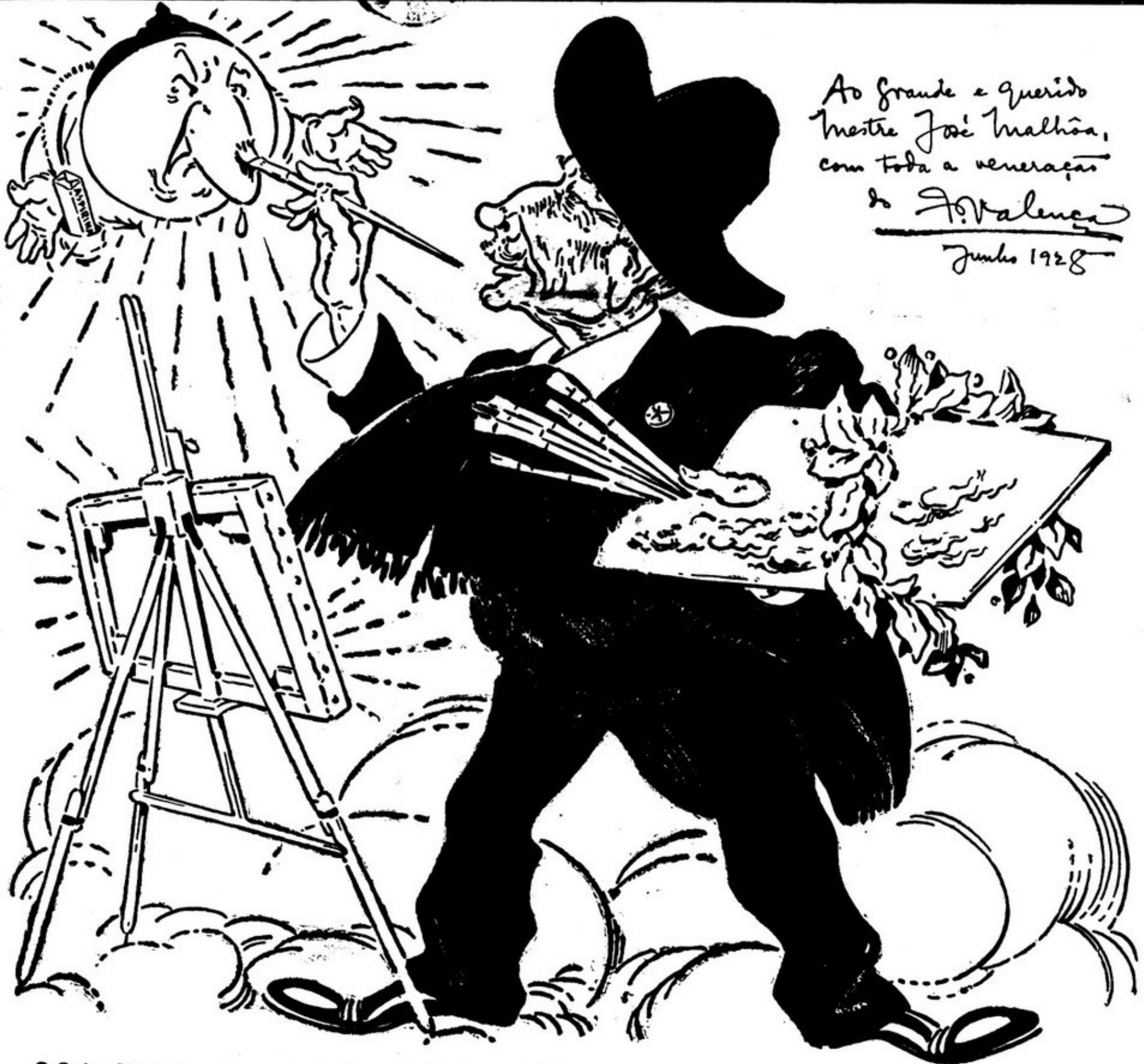


Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48



DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



*Ao grande e querido
Mestre José Malhã,
com toda a veneração
de J. Valença*
Junho 1928

O Sol:— Não sei porque se admiram tanto de eu brilhar pouco nesta primavera. A culpa é de Mestre Malhã: a pintar ha um ror de anos, tem-me tirado cada bocado!... Olhem: procurem-me nos quadres dele, que é onde eu estou.



Os ditos da semana



Tirocinio para creador

O deão da abadia de Westminster condenou o dr. Voronoff, por andar a tazer tirocinio para Deus Nosso Senhor, metendo-se a converter a humanidade avariada, como se fosse um deita-gatos a concertar panelas rachadas.

Profligou o deão tal procedimento, acusando o Dr. Voronoff de invadir as atribuições do creador, talvez porque tambem o Padre Eterno se serviu, não de uma glandula, mas duma costela do macacão que era o pae Adão, para fazer a primeira mulher.

Daqui deste cantinho occidental da Europa o *Sempre Fixe* descobre todo o jogo do deão de Westminster: a sua indignação deriva do receio que tem de que se acabem os enterros e, acabando-se os enterros, se decreta a abolição dos nascimentos e, concomitantemente, se acabem os batizados que são o pão nosso de cada dia de qualquer abade. Mas engana-se redondamente o deão. O Dr. Voronoff tem, pelo contrario, o condão de fazer aumentar a natalidade, visto que a sua enxertia de glandulas é uma especie de sopa de camarão ou de *mayonaise* de lagosta.

Em todo o caso nós comprendemos muito bem o deão. Não gosta das coisas feitas o retalho. Prefere sempre que as coisas se façam por junto, com mais ou menos enxerto.

Santo Antonio

Santo Antonio que era um cara-unhaca, lolião e zaragateiro, amigo do seu amigo e até amigo dos peixinhos a



— Olha, Augusto, estes patifes dos mosquitos devoram-me. Devoram-me toda.

— Não te inquietes, mulher. Ainda ha-de ficar alguma coisa.

José Malhõa

José Malhõa pertence ao reduzido numero daqueles de quem o «Sempre Fixe» não sabe rir. O formidavel artista que tem o singular poder de fazer rir o sol, em canticos de luz harmoniosa, nas suas talas, só nos provoca a nós um afaivel sorriso de desvanecimento e admiração.

No momento em que o paiz inteiro ergue o seu nome ao alto e cobre de flores a sua cabeça encanecida, o «Sempre Fixe» recolhe ao buxo a laracha de todos os dias e tira o seu chapéu. Vae a passar o Mestre.

quem pregava para depois os comer de caldeirada, apesar de morto ha tantos anos, ainda faz anos. A humanidade agita-se e a historia repete-se.

Porque Santo Antonio era casamenteiro, aproveita-se a sua festa para o beliscão amoroso, que ainda é a melhor forna de partir as bilhas ás raparigas e, se o Santo não fizer o milagre de levar a mocidade aos pés do altar, o beliscão fa-lo com certeza.

Porque o Santo era advogado das coisas perdidas, fazendo-as tornar a aparecer, não se deixa perder a tradição e, como ele pedia para os pobres, andam ranchadas de

petizes, de dedo no nariz, pedindo meio tostãozinho para comprar uns sapatos, como se o santo não tivesse andado descalço toda a vida.

Porque o Santo tinha o dom da ubiqüidade, realisando a primor o milagre de estar simultaneamente no pulpito e ao pé da forca, para livrar o pae da execução, todo o portuguezinho valente lhe segue as pizadas, procurando ter dois ou trez empregos, ao mesmo tempo sem comparecer em nenhum, apesar de haver catolicos e crentes que são contra as acumulações, esquecendo as tradições do taturgo.

Dr. Manuel de Vasconcelos



Se tão habéis mãos se dedidassem a operações financieras, como se ocupam a operações cirurgicas, a «salvação» da D. Finança Nacional seria garantida e o seu «Estado» não como um pero. Porque não se experimenta mudar a doente do Terreiro do Paço para o Hospital Estefania? Para «córtes» poucos serão tão eximios como o illustre operador.

Boletim meteorologico

A primavera entrou carrancuda. Em vez de sol dá chuva. No horisonte acastelam-se nuvens cór de chumbo. Toda a gente se acautela e se põe de prevenção contra a tempestade que se anuncia, mas, como sempre, quando a gente sae de guarda chuva não chove. A natureza anda em permanente conspiração contra a humanidade e está sempre á espera de apanhar a gente descuidada para nos encharcar até os ossos, que é como quem diz, para no-la pregar mesmo na menina do olho.

Já não vale a pena andar prevenido, mesmo porque, se é certo o ditado de que *homem prevenido vale por dois*, quando ela tiver de cair apanha a gente duas molhas em vez de uma.

“O Brejuncio” Recebemos a visita de O Brejuncio porta-voz do Grupo Brezundeleiro Os Brejuncios, publicação humoristica em comprimidos, que difficil mas gostosamente lemos com o auxilio dum microscopio. Agradecemos as referencias que nos são feitas e repelimos o piparote referente á falta de permuta, porque o *Sempre Fixe* que é um jornal maior e vacinado pela lanceta azul da censura não dá confiança a menores. O *Sempre Fixe* ri-se das gracinhas de O Brejuncio, como a gente se ri com as caretas duma creança de mama, mas não pôde ir mais além, andando ás pançadinhas a ele mesmo porque as creanças são como as esponjas: em a gente as apertando, molham-nos as mãos.



— Eu posso falar com um inglês.
— Mas tu não sabes ainda senão três lições...
— Sim, com um inglês que saiba francês.

Os pensamentos da semana

Je m'en fous...
 Muchas gracias a todos os artistas portugueses pelo reclame que teem feito á la gran compañía Velasco y banez...

Richard Covoens.

Au Portugal, la truculenta critica tem escangalhado le theatre... francès y español. Mais moi não me ralo.

August Souarés.

Quando je leio o Toujours Fize, escangalho-me a rir, num sorriso argente que cheira a Houbigant.

Jules d'Antds.

No hay que admirar! Las musicas portuguesas y españolas se confundem. Yo faço musicas de todas as nacionalidades.

Angel Gomez.

Mon cher collegue Gambôa é um peu bruto. Maguou-me.

Raphael Marqués.

Nossos agradecimentos pelo agradecido merci dos autores, pour notre trabalho no Pilhe de Alcântara.

Os artistas du Théâtre Apollo.

Não é difficil faire versos nem medi-los. Il faut apenas trazer um metro na poche em feitio de p'r'uma da Agua Fresca.

Gil Ferrere.

Vitor Mazado.

Mais que teimosa ça m'embête. Grácil, rima com gentil. Out, monsieur.

Lourent Rodrigués.

Deus é grande... e Covões o seu profeta.

Naissance Fernandes.

As musiques de Companhia Velasco são todas copladas das nossas. Jura-mos!

Les maestros portugueses.

Com a vinda da Companhia Velasco vou ter o prazer de ouvir no Coliseu muita musica portuguesa... feita em Madrid.

Louis Figueira.



—Quinhentos francos um enterro? Caramba, que cara está a vida!



O abade: — Miguel, a bebida é a pausa de todos os nossos males.
 Miguel: — Pois ainda ha quem diga que se estou assim a culpa é minha.

O salon da estrada de Sintra ou os ensinamentos das passagens de nivel...

Está aberto no Porto, o VI Salon Automovel Português.

Para organizar um Salon Automobilista são, geralmente, necessarios um Palacio ou um Coliseu, alguns automoveis e um Chefe de Estado.

O publico compõe-se de homens, senhoras, crianças e um comprador. E os expositores têm que descobrir esse comprador, perdido na multidão como agulha em palheiro. Como geralmente só têm três dias para conseguir esse tour de force, não é facil imaginar nem reproduzir as maravilhas que eles apregoam.

Não censuro os que vão a um Salon para escolher um carro. Mas eu prefiro ir para as passagens de nivel da Estrada de Sintra.

No Grand Palais, no Olympia Shaw ou — á portuguesa — no Palacio de Cristal, os automoveis estão em... representação. Mostram os motores, motores-imeveis e novos. Frescos e viçosos como meninas para casar...

Ora a menina em estado de mudar de estado que nos mostram numa agencia matrimonial, seria verdadeiramente espantosa se, durante o primeiro quarto de hora de entrevista, não conseguisse esconder-nos os seus defeitos — as suas fraquezas...

Os agentes elogiam os meritos de aquilo que procuram colocar: — meninas ou chassis...

Exageram-lhes as virtudes. São sempre muito economicas ou muito sobrios. A robustez é extraordinaria...

Falam da sua elegancia — que é devida á modista ou ao carrossier. E dizem-nos sempre que a nossa vantagem está em resolver imediatamente — porque os pretendentes sobejam para as encomendas...

Não! Não me casarei numa agencia de matrimonios...

Prefiro o acaso dum encontro. Prefiro vêr os automoveis na estrada — tais como são realmente — irmãos talvez dum que eu hei-de escolher por me ter seduzido...

Vou para o Salon da Estrada de Sintra, um Salon com muitas passagens de nivel...

Paro numa delas, e espero. O guarda fecha a cancela. Abriu o Salon!

Chega o primeiro chassis. Ha-de esperar pelo menos uns dez minutos e tenho tempo de sobra para travar conhecimento.

O chauffeur, prudentemente, tira a tampa do irradiador donde sai uma nuvem de vapor espeso, e vai a uma

taberna que ha mesmo junto da linha, buscar um balde de agua.

E' escusado insistir mais...

O motor aquece demasiado rapidamente, congestiona-se, exaspera-se...

Aquele não me serve.

E' uma noiva quente demais...

De resto, não falta por onde escolher — todas as formas e todos os modelos.

Um 10 H P. conduzido por uma senhora sorridente — pequeno cabriolet perfumado como um quarto de toilette.

A chauffeuse faz-me um sinal e eu acorro imediatamente, pensando que a seduzi.

— «O senhor seria muito amavel se desse á manivela — porque o meu dinamo gripou.»

Ora é certo que a gripe se cura. Mas, em todo o caso, não é o que se pode chamar uma boa indicação...

Um medico conhecido apeia-se do seu 15 H P.

Esta vez não é para tratar duma gripe, mas para medir o oleo.

Abre um bidon de reserva, com um ar furioso.

Fiquei sabendo que aquele motor é guloso por gorduras...

Um turista aproveita a passagem forçada para lançar os olhos pelo precioso indicador do nivel da gazolina. E, para que a esposa que vai ao lado participe da sua dôr, exclama:

— «Mais de cinco litros desde os Restauradores.»

E, contudo, parece um carrito modesto, com todo o ar de seguir um regime de dieta para emagrecer...

O guarda abriu a barreira.

Já acabou o meu Salon? Não!

Ha um só Deus que reina nos ceus — mas ha varias passagens de nivel na Estrada de Sintra. O que é muito agradável para quem quere aprender coisas automobilistas.

Uma passagem sobre os rails. Um 5 H P. parte uma folha de mola.

E um outro carro que parecia tão serio deixa cair a ponte posterior e fica á borda da linha, para que os passageiros de todos os comboios se consolem de não ter automovel...

No dia em que houver um Salon em Lisboa — não deixarei de lá ir.

Mas quando os vendedores começarem a apregoar maravilhas, tapar-lhes-hei logo a boca:

— Isso, para mim, não pega! Eu venho do Salon da Estrada de Sintra!

Linha de Cascaes

A Sociedade «Estoril» vai fornecer a alguns assinantes bilhetes do tipo antigo, mantendo-se o sistema de cartões «com furos» para os outros.

Se o mundo não acabar, como dizem os jornais e é facil acreditar, bastante se ha de falar sobre a linha de Cascaes. Preparam-lhe alguma sova e os motivos verdadeiros residem nessa lei nova com que a linha põe á prova a linha dos passageiros. Pois por mal dos seus pecados, vão estes, com modos habeis, passar a classificados: ha a serie dos «furados» e a serie dos «infuraveis». Teem situações diferentes os dois grupos numerosos, onde ha já duas correntes: os «infuraveis», contentes, e os dos «furos», furiosos. Os fiscaes, ao que se diz, não terão socego algum na sua faina infeliz de meterem o nariz no «furo» de cada um. E' contar que de futuro o passageiro «infuravel» p'r'os outros se mostra duro; sendo assim, não vejo «furo» p'ra um acôrdo amigavel. E será grande a desfeita se o «furado», por castigo, a nova lei aproveita e segue pela direita, dando o centro ao inimigo.

J. T.

A melhor pilha do mundo



unicos agentes para Portugal
 "ELETRIGIA"
 SANTA JUSTA, OY



O amigo—Ahi é o retrato de sua mulher? Permita-me que lhe diga que não se parece.

O artista— Naturalmente. Pois se eu o pintei para ter uma illusão.



— Que gente, que disparate. Imagine você que deitam as cabeças aos cães.

O MILAGRE DAS BILHAS



Santo Antonio concertava as cantarilhas a todas as raparigas que se tivessem rochado, simplesmente com um becaadinho do corpo bombo, as cantarilhas ficavam como novas, capazes de tornar a servir e algumas vezes até até o proprio Santo que as paria só para ter o prazer de lavar o milagre de as concertar tão lindas eram elas.

Elevador da Gloria

—Fui consultar um medico sobre a minha falta de memoria.
—O que te disse?
—Nada de importante. Deseja que lhe pague a conta antes de começar o tratamento.

* * *

Pequeno dialogo, destacado dum conselho de familia:

O *notario*.—Apesar de tudo quanto me diz, preciso absolutamente de saber se este senhor é ou não seu irmão.

—Sem duvida, somos irmãos, mas muito afastados. De catorze filhos que teve o meu pai, eu era o primeiro e ele o decimo terceiro...

* * *

O *juiz*.—Porque não entregou o senhor na policia a carteira que achou?

—Porque era tarde.
—E ao outro dia?
—Porque a carteira já não tinha nada dentro...

* * *

—Vai ser preciso alargar a porta da garage.

O *chauffeur*.—Para quê, se cabe nela um camion!

—Sim, mas é que minha mulher tem desde ontem carta de conduzir...

* * *

—Eu, em questões de dinheiro, tomo sempre as minhas precauções. Todas as noites escondo a carteira debaixo da almofada.

O *novo rico*.—Eu não posso fazer isso. E' me impossível dormir com a cabeça alta...

VIDA MODERNA

A historia electro-magnetica do sr. Crispim

O sr. Crispim foi, é e será sempre um homem honesto: tão honesto que, quando se sentia sem dinheiro, roubava o proximo sem o menor reboço! Agora, não... Dedicou-se ao trabalho. Exerce actualmente a rendosa profissão de electricista. E é geitoso o espartalhão do Crispim, que para não ser electrocutado nas futuras cadeiras da Morte, prestes a serem utilizadas no logradouro publico do Torel, se entregou sabio e entusiasticamente á arte de saber dar choques nas pernas das meninas histericas que vegetam pelos *trottoirs* da Lisboa Amada. E' uma grande verdade.

Crispim, que tem teorias curiosas sobre a virtude, acaba de montar um consultorio electro-rapido para curar, com eficacia, todas as doenças de caracter grave, todos os nervosismos, todas as mordeduras sensuais que, por vezes, atacam as Lyse Fleurons de via reduzida.

E o nosso conspicuo Crispim tem clientela. Pudera, não! Neste tempo em que a vida moderna tem exigencias do nu artistico, que fez dos prolongados e saudosos *ais* das meninas sécias, *ais* tremelicados, *jazzbandiacos* de gatas ajaneiradas, porventura, não devia o Esculapio da moda ter freguesia? Ele apenas é detentor de um fraco: é absolutamente egoista.

Vejamos, pois, um facto da sua vida electro-clinica.

A sr.^a Antunes, mulher já em estado de maturação mas ainda de frescas carnes, que reside no Bairro Alto-City, ao Conde Redondo, precisando com urgencia reparar a sua *instalação* corporal, já um pouco avariada pela abundancia dos *courts-circuits* amorosos, mandou a sua esbelta criada de quarto—a Elvirinha—chamar o

notavel Crispim. Este não se fez esperar. Em companhia do seu ajudante e da serviçal, lá foram de *taxi* até ao Bairro Alto-City.

A sr.^a Antunes recebeu-o com demonstrado jubilo na sala vermelha, tão vermelha como a cara da matrona. Observá-la, auscultá-la, foi para o Crispim obra de um segundo.

Feitas as massagens aos roseos seios da cliente, isto é, reparada a *instalação*, já pronta a dar *luz* a jorros, Crispim preparou os *flors* e estabeleceu o *contacto*. Não lhe faltava mais do que unir as duas *pontas*.

Nesse momento, justamente, foi que ele parou, interdito, pensando:—«Diabo, onde estariam o *polo positivo* e o *negativo*?...»

No seu desejo de andar ás pressas, esquecera de *fixar-se* e perdera a *observação* feita. O Crispim teve um segundo de hesitação, pensou um pouco e depois gritou para dentro:

—Olá, Serapião!...
O ajudante, rapaz novo, um perfeito apolineo ainda imberbe, chegou correndo.

A senhora estava em *combinação*—vermelha, claro está!
—Põe o dedo *alt*, naquele *flor*—falou o electrico Galeno, com a maior seriedade.

Serapião obedeceu.

—Sentes alguma coisa?

—Não, nada...
E o excelso Crispim, triunfante:

—Então é esse o *polo* que eu desejo. Tem cuidado de não encurtares a mão no outro *flor*, porque morrerás imediatamente, fulminado...

E' ou não egoista o engenhoso do Crispim?

lvinho.

BOM HUMOR

No teatro:
O *secretario da empresa*.—Sr. director, só ha cinco pessoas na sala.
—Então não pode haver espectáculo Devolva o dinheiro dos lugares.
—Impossivel. Os lugares... são de favor...

* * *

O *pretendente*.—Venho propôr-lhe um negocio.

O *homem de «affaires»*.—Trata-se de assucar, de café... ou de minha filha?

* * *

—E' verdade que os marinheiros tem uma mulher em cada porto?

—Isso sim! Eu sou marinheiro precisamente para viver longe de unica mulher que tenho...

* * *

Ela. —Este jantar de 12 talheres vai-me custar os olhos da cara.

Ele. —O melhor é convidares tambem a tua prima. Como seremos 13 á mesa, todos perderão o apetite...

* * *

O *director da prisão*.—Como? Outra vez aqui?

O *ladrão*.—Sim... Venho ver se tenho correspondencia...

* * *

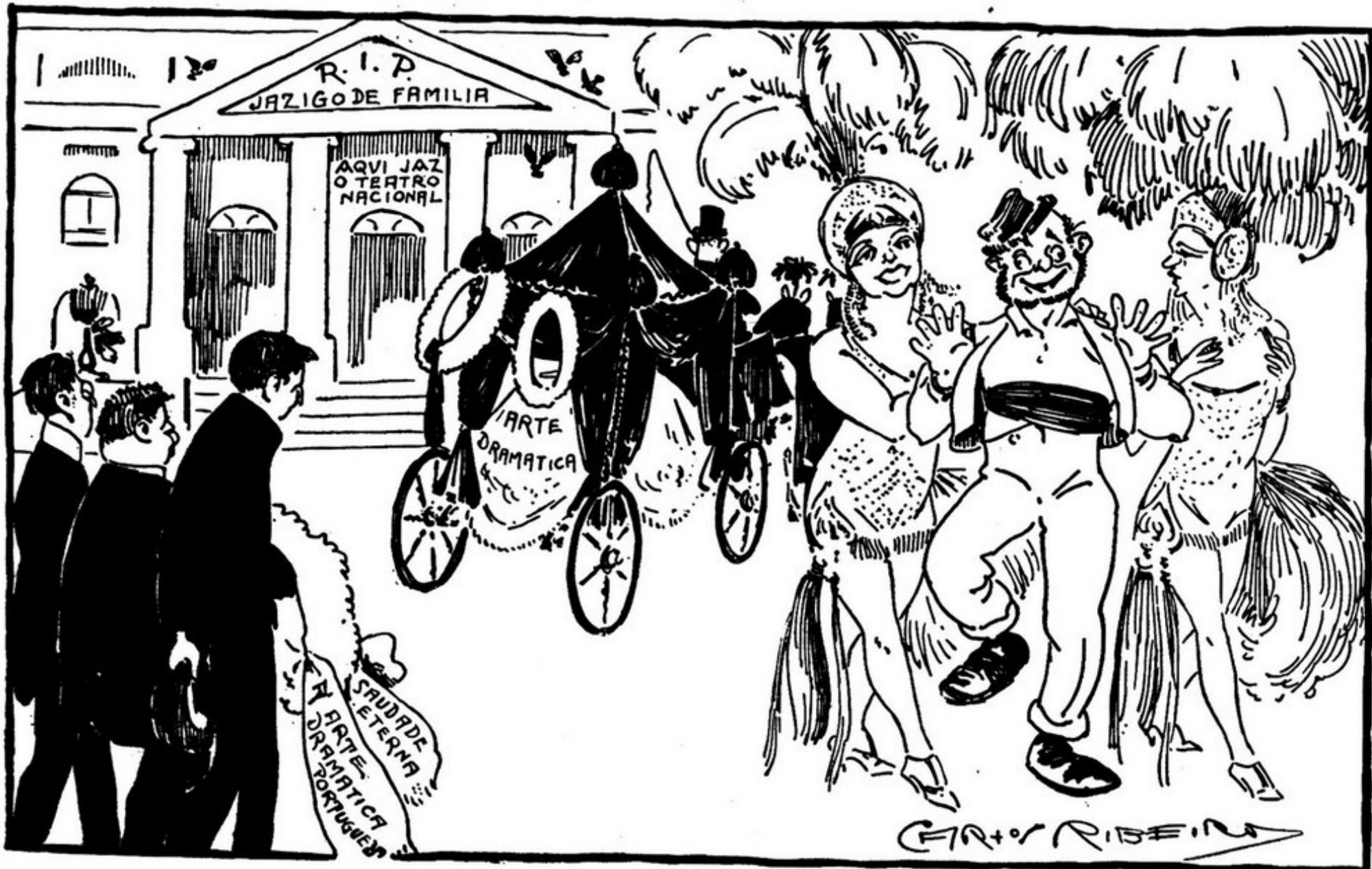
Na *gare*:
—Seu maganão! Uma viagem de prazer, hein!

—Ainda não sei. Vou assistir á abertura do testamento de meu tio...

* * *

—Papá! O que é um solteiro?
—E' um homem feliz, mas muito cuidado, não digas nada a tua mãe...

De profundis... simo



O Gremio dos Artistas Teatraes aprovou uma moção, propondo que os artistas se vistam de luto no dia da estreia da Companhia Velasco.—(Dos jornais).

Zé—Bem vos conheço, ó mascara! Eu cá a respeito de patriotismos, fico por aqui...

Conjugação de verbos

Fazia calor. Apetecia beber um refresco. Dois rapazes amigos chegaram a essa mesma conclusão, e para passarem das ideias aos factos, entraram no «Suisso» e pediram cervejas. Começaram a conversar e, dentro de pouco tempo, um deles dizia alto para o criado:

—Esta cerveja está mal gelada, rapaz!

—Eu estou, tu estás, ele está, nós estamos, vós estais, eles estão — exclamava ao lado uma voz socegada.

Voltam-se os dois amigos e dão de cara com um homem—tipo estrangeirado—que numa mesa ao lado bebia socegradamente uma salsa com soda. Os rapazes entreolharam-se espantados e um deles pergunta-lhe:

—Que diz o senhor?

—Eu digo, tu dizes, ele diz, nós dizemos, vós dizeis, eles dizem... — foi a resposta.

—E' maluco! — diz o outro.

—Eu sou maluco, tu és maluco, ele é maluco, nós somos malucos, vós sois malucos, eles são malucos! — grunhiu o homensinho entre dois goles de refresco.

Os rapazes estavam irritados. Não lhes parecia doido aquele tipo. Via-se que não era português e mais os irritava pensar que era um estrangeiro que estava a chuchar com eles. Um não pôde conter-se e explodiu:

—O cavalheiro é insolente! E se o senhor continua com esse estúpido gracejo, parto-lhe a cara!

—Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vos partis, eles partem... — conjugou o homem com todo o socego.

—Ah! seu desavergonhado! Julga que está tratando com crianças?! Vou mostrar-lho!

—Eu mostro, tu mostras, ele mos...

Mas desta vez não chegou a acabar a conjugação do verbo. A mão trememente de indignação do rapaz agarrou-lhe a gola do casaco e sacudia-o com força:

—Venha cá para fóra, seu mariola! Venha, que eu o ensino! seu canalha! seu pulha! seu...

—Oh! senhor! *Je* explicar-me! — balbuciava o desgraçado, sentindo-se sacudido como um vime ao vento—*je* explicar-me! *Monieur!* Ha *ici un malentendu!* *Monieur!* *Pour pitié!*...

O rapaz, ao ouvir esta algaraviada, largou-o e esperou a explicação com ar desconfiado. O pobre sacudido endireitou a cabeça, que ficara á banda, e começou a falar:

—*Je suis, sim, eu sou un français* que estou a aprender *le portugais* e meu professor disse-me *qui était un très bon exercice* conjugarr verbos... e foi por isso que...

—Cêbo, cavalheiro! Cêbo! — foi só o que se ouviu o rapaz responder, por entre as gargalhadas da assistência.



—O grande templo de Ug.
—Ah! Estão-n'o construindo ou demolindo?



—O cavalheiro esperava outra senhora?

—O quê? E' uma senhora alta, feia, com cara de poucos amigos. Diga-lhe que não estou... Que não estou. E' a minha mulher.

O PINHEIRO AMOROSO

“Novelo” amarelo que até parece uma novela

Todos os anos, pelo verão, Laura e seu marido iam passar a estação calma para um dos arrabaldes da formosa «Rainha do Mondego».

Pelos seus afazeres profissionais, Mario, o marido, era obrigado frequentemente a interromper o seu verão, deixando Laura entregue ás distrações bucolicas do lugar e ao familiar convívio de meia duzia de amigas predilectas.

Porém, enquanto podiam, Mario e sua mulher gozavam alegremente as belezas daquele poetico rincão, rememorando, então, os momentos felizes que outrora ali haviam passado quando se namoravam—passeios, pic-nics, serenatas, etc.—e, principalmente, um frondoso pinheiro, discreto e fiel abrigo do seu embrionario amor.

Era ali, portanto—o pinheiro—delicioso e saudoso refugio, uma das etapas obrigatorias dos passeios por tardes amenas, particularmente quando Laura ficava sózinha e «apenas distraída com umas visitinhas que fazia ás suas amigas», como ela escrevia a seu marido.

Todavia, apesar do aparente affecto conjugal que Laura nutria pelo esposo, diziam as más linguas que ela *firteava* escandalosamente com um irmão duma das suas melhores amigas—o joven João Pinheiro.

Efectivamente, era em casa da sua amiga Ester Pinheiro que Laura passava as tardes na ausencia de Mario, e nos passeios ás fontes e ás quintas eram sempre inseparáveis Laura, a Ester e o mano João.

Ora que Laura não se entristecia com a falta do marido—antes pelo contrario—era, portanto, uma verdade; e que João Pinheiro visitava a desoras e a meude Laura, a pretexto de acompanhar de volta dos serões, também não era mentira...

Tendo regressado, inesperadamente, Mario entrou em casa já ao entardecer.

Vinha contente consigo mesmo por ir encontrar—quem sabe?—a sua mulherzinha deitada voluptuosamente sob o pinheiro de tantas e inesquecíveis recordações. E quando ia a

sair, Mario reparou num manuscrito anonimo colocado sobre uma mesa, e que, em pessima ortografia, rezava assim:—*Vá e destroça o Pinheiro bem. Encontra lá a sua mulher.*

Pegando no papel, Mario leu, sorriu e murmurou:—Esta gente sempre é muito estúpida! Olha a grande novidade!...—e caminhou satisfeito em direcção ao pinheiro venturoso...

Porém, chegado que foi ali, Mario constatou com magua que sua mulher não estava, voltando, seguidamente, para casa, onde decerto a encontraria já de regresso do seu habitual passeio.

* * *

Quando Laura entrou em casa viu logo que seu marido tinha regressado: a sua mala e o indispensavel guarda-pó de Mario lá estavam a documentar o viajante.

Supôs, então, que ele tivesse saído ao seu encontro e que o seu regresso seria, portanto, coisa de instantes. Efectivamente, sem que fosse necessario a Laura estudar uma desculpa ou um pretexto da sua ausencia, pois de antemão contava sempre com a habitual docilidade de seu marido, logo que Mario surgiu e se encaminhou para ela, Laura, risonha, de braços abertos, saudou-o com uma ternura tal que causaria inveja á mais terna das recém-casadas.

Mario, dissimulando a sua grande alegria pelo recontro e imprimindo um certo ar de misterio á sua pessoa, disse-lhe:

—Sabes donde venho?... Do pinheiro!

Laura, num desabafo e como se falasse consigo mesmo:

—*Descalú-se...* querem vêr?!...

—Qual! Nem descalú nem caiu! Ele lá está mudo e quêdo a testemunhar para sempre a tua fidelidade e o teu amor!

—Ah!... sim... ainda bem...

E abraçando sua mulher Mario segredou-lhe

—Se ele falasse... se ele falasse...

—Isso fala ele—retorquiu Laura, afagando o mento do marido—descança que o *Pinheiro* não dá com a lingua nos dentes...

... («E' o falas...»)

ENTRE BASTIDORES



— Oh filho, vê se me distribuem um papel de estrela cadente.
— Para quê?
— Para ser «estrela» ao menos uma vez.

HISTORIA ESTUPIDA

Um suicidio em conjunto

Desde a época quaternaria — e, por conseguinte, ha muito tempo — que o casamento de Mauricio Antunes com a sua prima Inês era uma questão assente. Antes mesmo de eles terem nascido, já os pais tinham resolvido a união dos dois queridos entes...

E, apesar de Inês ter vindo ao mundo com um pouco de estrabismo e um nariz de trombeta — Mauricio, desde os quatro anos de idade, amou-a, e pediu a mão para mais tarde. Isto é, foi marcando lugar...

Mas este lindissimo projecto de hi-meneu veio depois a sofrer dalgumas vicissitudes inerentes á dureza dos tempos que vão correndo.

Os pais respectivos dos dois pom-binhos eram comerciantes. Os de Inês meteram-se em maus negocios — e os de Mauricio não queriam ouvir falar mais em tal casamento.

Felizmente, os primeiros conseguiram restabelecer a sua fortuna, e os segundos regressaram ao projecto primitivo. E a concordia reinou de novo entre as duas familias.

Depois, foram os pais de Inês que renegaram desdenhosamente o pacto de aliança, porque os de Mauricio, estavam, por seu turno, com as *finanças* em baixo.

Mas as coisas arranjaram-se porque os Antunes recuperaram a estabilidade monetaria.

Pouco tempo depois, escangalhava-se tudo, de novo, porque os pais de Inês se tinham metido em especulações infelizes. Contudo, não ficaram muito tempo *desadados* porque eram corajosos e mexiam-se...

Mal eles se tinham *posto em pé*, ar-ruinavam-se pela segunda vez os pais de Mauricio.

E, durante anos, foi um constante jogo de alcatruzes. Quando uns estavam em cima, andavam os outros muito em baixo, e vice-versa. Não conseguiam estar prosperos ao mesmo tempo, e havia sempre uma familia que se opunha ao casamento.

Pedidos, despedidos, tornados a pedir e tornados a despedir — os noivos nunca sabiam se deviam beijar-se ou morder-se. E os anos passavam.

Fizeram vinte e cinco anos... tristes anos... trinta e cinco anos...

Por fim, perderam a paciencia. E resolveram, para pôr termo aos seus tormentos, suicidar-se juntos.

Compraram um completo e terrivel arsenal de engenhos mortiferos: — revólvers, punhais, dez metros de corda, um romance de Julio Dantas, um sacco de carvão, um jogo de *mah-jong*, um quilo de estriquinina, etc., etc.

E, após terem escrito uma boa carta de decompostura aos idiotas dos pais, fecharam-se no quarto de Mauricio.

Inês, preferindo o veneno, comeu conscienciosamente o quillo de estriquinina — esse violento toxico de que basta um centigramma para fulminar um hipopotamo. Depois disse, solem-nemente:

— E' a tua vez Mauricio!

E Mauricio, dando uma palmada na testa, exclamou:

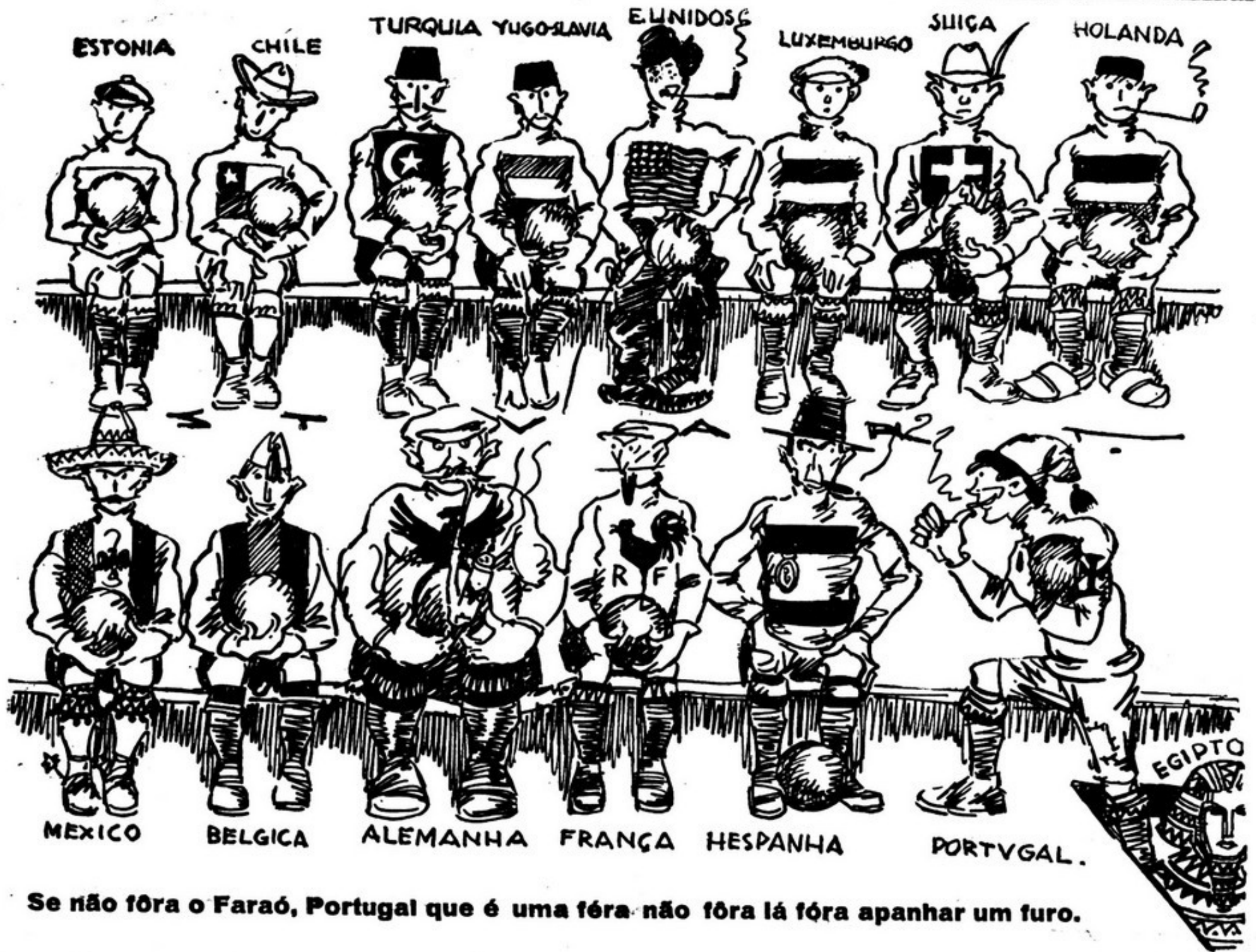
— Já me esquecia! Ha um contra-tempo levado do diabo que me impede de te seguir immediatamente para o Outro Mundo! E' que tenho, justamente, para esta noite, um convite para um jantar de anos!

S.



— O quê? Quinze francos por um quillo de pescada?

— Sim, senhora. E ainda eu comprei da que já não estava fresca...



Se não fôra o Faraó, Portugal que é uma féra não fôra lá fôra apanhar um furo.

No dia seguinte ao do Portugal-Egito, varios jornais publicaram uns estranhos telegramas sôbre as razões da derrota do nosso onze.

Neles se dizia que o triunfo dos africanos fôra o resultado de combinações de bastidores (sic) tendentes a afastar da competição a equipe de Portugal—e por motivos imperiosos... mas misteriosos...

A gente leu, sorriu e levou a coisa á conta de trapalhada telegrafica...

Mas não...

Passados alguns dias, foi-nos dado ler num jornal da especialidade o seguinte:

«A Argentina foi muito protegida pela «chance» do sorteto. O unico adversario que lhe teria inspirado maior receio teria sido o «onze» de Portugal, se uma força de circunstancias ou de NECESSIDADES INCONFESSAVEIS o não teem eliminado, COLOCANDO O EGITO EM VENCEDOR.»

E — minhas senhoras e meus senhores — agora é que já não ha que pôr em duvida. Nós não perdemos — por perdemos...

Nós perdemos porque necessidades inconfessaveis e combinações de bastidores colocaram o Egito em vencedor.

Não é difficil imaginar como a coisa se passou.

Foi em casa de Karel Marang, á meia noite da vespera do jogo, que os bandidos tenebrosos se reuniram.

Quem eram? Não se sabe. Mas estavam todos de balandras, com mascarilhas vermelhas tapando o rosto e de punhais afiados entre os dentes. E Portugal foi ali implacavelmente condenado — vítima dum pesadelo de grandezza que encandela os olhos invejosos. Os patifes não podiam perdoar-nos a descoberta do caminho marítimo para a India, nem a amargem scientifica do Lusitania nos penedos de S. Pedro e S. Paulo.

Ah! Biltres hediondos! Isso não se faz!

Os Jogos Olimpicos

Não se provoca assim uma panne no magneto do avião da alma do Rôquete — nem ha o direito de tornar escorregadia a relva do campo, untando-a com cêbo de Holanda!

E' absolutamente necessario descobrir todo o criminoso complot. O Sempre Fize reclama que se envie imediatamente a Amsterdam o agente Custodio das Dôres.

diatamente a Amsterdam o agente Custodio das Dôres.

Ora, todos nós aceitamos e compreendemos que o arbitro italiano nos tenha prejudicado. Acreditamos até



O GRANDE NEGOCIO — Argentina-Urugu... Ai que isto nunca mais acaba e ele é queijo... (dizem os holandeses).

que ele nos defraudou duma victoria talvez difficil mas possivel.

Vamos até mais longe. Parecer-nôhia preferivel ao protesto depois do jogo — a recusa de tal arbitro, antes dele.

Mas isto chega perfeitamente. Para quê, então, andar com historias pateticas e pateras de combinações inverosimeis de bastidores?

Ou será o foot-ball um jogo em que os resultados se preparam de vespera, á roda duma mesa maçonica?

Os jogadores portugueses não precisam dessas historias para se justificarem. Voltam de Amsterdam com um palmarés que se pode exhibir sem vergonha, em qualquer parte. Após duas victorias, foram eliminados por um unico goal de diferença — e de diferença duvidosa. Marcaram sete goals e sofreram cinco.

O seu esforço em três jogos será motivo para satisfação — e nunca motivo para romances genero Rocambole.

A não ser que se esteja preparando o ambiente para um grande folhetim intitulado:

PORQUE PERDEMOS COM O EGITO OU O HOMEM DO APITO COR DE SANGUE

Chegaram de Amsterdam os rapazes da equipe de foot-ball. Foram muito bem recebidos e justamente ovacionados. Formou-se uma bicha de mais de cem automoveis, no percurso de Entre-Campos á Associação de Foot-ball — num cortejo perfeitamente triunfal e taximetrico...

Após a recepção na A. F. L. e correlativos discursos, a equipe foi á Praça de Camões depôr um ramo de flores na estatua do Poeta.

Com uma curiosidade de enfant terrible, uma senhora perguntou-me:

— Mas que tem Camões que vêr com o «foot-ball»?

Não coaseguei arranjar resposta satisfatoria.

ECOS DA SEMANA

OS SANTOS POPULARES

CAMINHO DO PARQUE EDUARDO V2



?

-RADAZES! (DIZ KAMÕES CA PARA BAIXO AOS AMIGOS DE PEDRA INSEPARAVEIS)
-VAMOS HOJE DRA' PARODIA, QUE DIACHO DEIXEM LA' ESSAS PÓSES INGRAMAVEIS, UM QUE PEGUE NUM CESTO OUTRO NUM TACHO OUTRO AINDA, COM PETISCOS AGRADAVEIS, FAÇA UM FARNEL, E VAMOS PARA AS HORTAS DAR-MOS VIDA AS COISAS MINHAS JA' MORTAS

CANTO 35 • ESTANCIA TERMAL



OS POETAS VÃO VER O PÔR DO SOL. PEDRO NUNES ESTUDA O TRATADO DA ESFERA APLICADO AO FOOT-BALL -ETC.



1/4

ASPECTO DA TACA QUE OS NOSSOS FOOTBOLISTAS TROUXERAM DE AMSTERDÃO - A PARTE A PONTEADO FICOU LA'.



SANTO ANTONIO MILAGROSO QUE ERA O SANTO DOS CASADOS POR NÃO TER JA' CASAMENTOS PASSOU PRÓS DIVORCIADOS



O CONGRESSISTA DE MAIS VULTO (SIC) EM VIZEU - OU ENTÃO 'O CAPICÚA' - FISICO DE FISICO -



SANTO'S ANDREA

O INVERNO POR ACHAR O NOSSO CLIMA MAGNIFICO VEIU PARA CA' PASSAR O VERÃO ESTAS ULTIMAS SEMANAS



SINTRA



MAS, CA... FEZES SÃO ÊSSES " OH! SEU JOÃO FRANCO!



(OU ÊSSAS)